

12-28.02.2014  
GALERIA DOS LEÕES

**ALMOST  
NOT:  
PRINTS  
AND  
OTHER  
THINGS**

EDÍFICIO DA REITORIA  
PRAÇA GOMES TEIXEIRA

ALEXANDRA RAFAEL  
ANA TORRIE

# DENTRO DA GRAVURA

GRACIELA MACHADO

No contexto de uma prática docente, o significado de uma palavra pode apresentar-se de novo a reclamar a atenção. Para responder, existem os resultados, tanto mais pertinentes quanto o facto de tais de representações afirmem uma identidade questionadora. Parece-nos ser esse o caso. Os trabalhos reunidos nesta mostra são em si mesmos o sinal clarividente dos efeitos secundários de uma insistência pela ação numa palavra que nem chega a ser mencionada nos programas. Estes trabalhos e autoras acabam a afirmar uma disciplina que continua a fazer sentido numa prática artística: a gravura. Como é que os estudantes a interpretam, como a designam, como a definem, ou chegam mesmo a mencionar? Sim, porque se as palavras ocupam o espaço que reclamam, e refletem o significado e a valorização que damos aquilo que fazemos, temos uma palavra ausente. A história recente colocou com agilidade termos como tecnologia, técnica, e impressão nos programas das unidades curriculares disponibilizadas em contexto académico. Aliás, foi a designação fácil e sedutora, técnicas de impressão, que se impôs. Talvez

porque não coloca os problemas de interpretação que o termo histórico possui, ou porque faz aquilo que para alguns pode passar despercebido: coloca num segundo plano a definição de um território de atuação histórico e minimiza a sua abrangência concetual.

Sabemos bem como tais designações delapidaram a fecundidade do termo que esta exposição afinal procura repor, ao contrário, pela exposição de um entendimento refletido na originalidade da produção gráfica de Alexandra Rafael e Ana Torrie.

Como? Neste caso, tanto temos a gravura no seu carácter mais reconhecível, a prova que projeta o que e gravado no papel e para ele desloca em extensão réplicas de desenhos, como a matriz desenhada, ou até mesmo o objeto que origina esse ensaio. O pedaço de madeira cortado de Alexandra Rafael ou linóleo do chão de Ana Torrie, são ambos materiais gravados, ainda que o primeiro aparentemente bruto, e o segundo já a propor outro cenário, o da interpretação. Ora é precisamente nesta ambivalência ou estrito classicismo que a gravura se reposiciona. Assim,

em ambos os casos, e o processo de produção com base numa leitura da sua projeção matricial, moldar, seja vertendo ou escavando, a expor de que modo as autoras encontraram uma realidade que lhes permite descobrir algo para lá de um revestimento de linóleo encontrado no lixo ou uma superfície texturada de madeira cortada. O argumento para a montagem desta exposição situa-se aqui. Àquela visão da gravura e seus suportes clássicos acrescentam-se pois os elementos de toda a cadeia processual: o objeto fotografado, o decalque, o molde em gesso, a transferência sobre papel, a chapa gravada, a prova sobre papel. Os que se identificam como gravuras, os que podem não ser reconhecidos como pertencentes a este extenso caudal, mas que neste contexto são rapidamente absorvidos porque constituintes essenciais na *práxis* destas duas gravadoras. Por isso, para lá duma opacidade das condições de reprodução que nos leva a duvidar do que se trata, ou questionar como são feitos, sucede o reconhecimento de que a trama desta teia e o múltiplo. Também se define o papel exato dado a reprodução: ela não é tanto transcrição, literalidade ou repetição sem interferência mas sim inscrição que se constrói, dissipa, e redefine em função de um discurso poroso e disponível para integrar outras práticas, fotografia, desenho, pintura, ou escultura. O desejo de repetição e replicação encontra-se pois indelevelmente marcado pelo interesse por todas as práticas de produção gráfica que possibilitem a construção de uma mutação e a vivência de um momento experimental cujas consequências se avaliam a fazer. Nesta seleção, a opção metodológica legitima-se nas similitudes superficiais causadas pelo método idêntico de recolha, de cariz indicial a par da opção de transcrição criativa e interveniente numa imagem preexistente, pensada primeiro com apoio do desenho, mas logo em função dos estratos tecnológicos da gravura. Estes, sistemáticos, recorrentes, introduzem as longas etapas de intermediação a partir das quais se desmonta e procura conhecer quais os limites para a invenção. O exercício pode até recorrer a uma abordagem nostálgica e evidenciar o gozo em elencar as suas virtuosas potencialidades

de formalização – água-tinta, água-forte, maneira negra, verniz mole, linogravura, aguadas de ácido – chegando ao ponto de catalogar ações e hipóteses tecnológicas sobre o mesmo objeto. Também não é por acaso que se revela com humor os marcos de uma biografia em que se misturam mestres e filiações corretas com outros ficcionais, como é o caso de Ana Torrie. Conclui-se, aqui a tradição não é impedimento para reinventar suportes e gerar regras que se atendem na especificidade do que se aprende como sendo a gravura e que se compreende como propulsor na definição do projeto. Num mundo dominado pelas imagens, a determinado ponto, ambas as autoras despertaram para a hipótese deste filtro a partir do qual se dá conta de histórias, convertendo-as numa construção simbólica onde se reproduz, sim, mas um a um nível em que os pressupostos tecnológicos da gravura são acolhidos com o encantamento e encadeamento próprio de quem julga oportunos os seus mecanismos de funcionamento. Reiteramos, afinal, a construção e a montagem destas interlocuções criativas, faz-se em função de um querer fazer-se gravura. A moda antiga, como se fazia nas Belas Artes, como se faz por esta Europa fora ainda, por gravadores. Ora o sentido que aqui reconhecemos quer no trabalho de Ana Torrie, quer no de Alexandra Rafael, não é o mais habitual no contexto da prática artística atual e num modo em crescendo como aqui se verifica. A gravura não se esconde: exhibe-se. É a presença da matriz que determina a proliferação contida nas provas, nos estados, nas sequências narrativas ou até mesmo no corpo dado a essa matriz tornada objeto sem prova. É a força matricial que se antecipa e pressiona os projetos no seu desenvolvimento. Estamos pois perante uma experimentação que se insinua a todo o momento com os atritos de quem se projeta sobre as matérias e nelas verifica o que o binómio tradição e tradução pela gravura implicam. Nas escolhas de papel, nos métodos de tintagem, na revisão das matérias de impressão, na atenção a hipersensibilidade dos substratos de inscrição do desenho, na diferenciação dos instrumentos de desenho que escavam, ferem,

ou arranham uma superfície. Isto é, por um lado a apetência em deixarem-se seduzir pela riqueza matérica da gravura, por outro o modo como todas as fases do ato de reprodução permanecem ativos e podem servir a densidade enunciadora da reprodutibilidade gráfica, devedora de um passado rico e fundamental para a projeção futura. Por isso os procedimentos acumulam-se e, porque não, colecionam-se, para ajudar inclusive a decidir como fazer uma determinada montagem. Sob esta mira obrigatoriamente atenta e desperta para uma experiência oficinal que se define como recursiva, arqueológica e eternamente insatisfeita, a gravura acaba a suportar outras ideias: o *chine-collé* pode-se fazer sobre a parede pois os saberes sobre a montagem de papéis acompanham com facilidade tal desejo. O conhecimento dos materiais e dos processos ajudam ao desenvolvimento estético de um ato de reproduzir insistente, persistente, sofisticado, que se encontra tendencialmente mais próximo da lógica experimental e criativa da gravura clássica. As metodologias divagatórias alimentam-se das extensas oportunidades tecnológicas e suportam os ritmos individuais que permitem ao autor descobrir e reinventar o que significa tal media, sempre a partir dos seus princípios essenciais. A explicitação na sua aprendizagem surge aqui exposta na produção de uma panóplia de provas, de estado, de contato, a efetivarem as hipóteses, as quais se usam e das quais se abusam numa aprendizagem tecnológica e num afastamento tácito da finalidade. Pode ser sob a capa de uma aparente neutralidade, quando de modo literal se retira apenas uma textura ou já interpelando essa matéria para atacar, marcar e a justar uma narrativa, pode ser pela adoção de um procedimento fotomecânico, aquele que no essencial parece não adulterar nada, ainda que justaponha uma trama, e implique a anulação das tonalidades intermedias. Em ambos os casos, a procura de novas potencialidades pelo recurso a uma intermediação impõe-se, e aí, em jogo e conjugação, entre a matéria e a prova, se compreende o que implica estar a atuar sob o domínio da gravura.

# FALSAS RELÍQUIAS 2013/2014

ALEXANDRA RAFAEL

Nasceu em Coimbra em 1990. Licenciou-se em 2012 em Artes Plásticas – Multimédia, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Durante a licenciatura, frequentou Erasmus na Accademia di Belle Arti de Brera, Milano no primeiro semestre do ano letivo de 2010/2011. Neste momento encontra-se a frequentar o último ano de Mestrado em Desenho e Técnicas de Impressão da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, iniciado em 2012.

Email: xana.pereirafael@gmail.com

Portfólio Online:

<http://cargocollective.com/alexandrafael/>

Participações em exposições colectivas:

*Projecto 1: Intercycling* – Museu do Caramulo, 2012 – um evento organizado pela FBAUP em parceria com o Museu do Caramulo e a empresa Intercycling com uso obrigatório de materiais fornecidos pela Intercycling.

*PS 22 A* – Auditório Municipal de Vila do Conde, 2012 – exposição de turma 4º ano de multimédia.

*Sete e Meio* – Museu da FBAUP, 2012 – exposição colectiva entre alguns alunos do 4º ano do ramo de Artes de Plásticas, ramo Multimédia.

*Projeções 2012* – Lugar do Desenho – iniciativa conjunta da Subunidade Orgânica de *Desenho da FBAUP com o Lugar do Desenho* – Fundação Júlio Resende. Seleção de alguns trabalhos de alunos da disciplina Práticas do Desenho no ano 2011/2012.

*Convergent Boundaries – Umamostra P411 // 41º 08' 44.49" N // 8º 36' 02.78" W //* – Laboratório das Artes (largo do Tournal), Guimarães, 2012 – uma seleção de projetos como representantes do que é produzido em contexto académico artístico por estudantes de Artes Plásticas, ramo Multimédia.

*Futuro Não Futuro* – Palacete Pinto Leite, Porto 2012 – exposição de finalistas das licenciaturas da FBAUP.

17º Bienal de Cerveira – Museu da Bienal de Cerveira, 2012.

*Frente e Verso* – Casa Museu Abel Salazar, 2013 – exposição de final do primeiro ano de Mestrado de Desenho e Técnicas de Impressão.

Este trabalho surge de uma tentativa de recriar marcas provenientes dos efeitos de degradação das imagens e dos objetos. Um estudo elaborado em torno de um espaço antigo, abandonado e consequentemente corrompido pelos vestígios deixados pela passagem do tempo. Um espaço que dá origem a uma procura obsessiva de pormenores, principalmente de texturas e formas orgânicas, que depois são alteradas e recriadas através da Gravura. Todo o processo de trabalho é desenvolvido sobre o carácter experimental, onde são exploradas as capacidades e potencialidades da gravura, através de processos de transferência, aplicada a diferentes tipos de papéis. Os trabalhos produzidos vão sendo catalogados formando um arquivo de imagens processuais que depois são expostos como um atlas, para que todos os processos, testes e experiências, ganhem credibilidade e sustentabilidade crítica, através da sua exposição e confronto direto.

Existe um interesse predominante em torno da árvore e as suas secções, tendo sido aproveitados troncos partidos, ou previamente cortados, como elemento de estudo. Foi elaborada toda uma recolha de detalhes da composição de variadas árvores, de forma a obter um catálogo de fragmentos e texturas metamórficas.

Da mesma forma, a gravura surge como método que facilita a abordagem da passagem do tempo, sendo uma área que permite que o seu próprio processo tome algum controle e alteração das imagens, proporcionando infinitas possibilidades de manipulação. As suas técnicas situam-se entre o controlado e o acaso, permitindo que o trabalho vá ao encontro do equilíbrio entre a construção e a desconstrução, o caos e o cosmo.

# “Julgo ter visto também o vulto de um rapaz que me olhou atentamente sem saber que me via. Vários dias se repetiu a cena e sempre da mesma maneira à mesma longura.”

Nuno Sousa

Ana Torrie, nasceu em 1982. Iniciou os seus estudos na Escola Primária do Monte da Mina e descobre muito cedo a sua paixão pela literatura macabra, tendo desenhado, ainda com 11 anos de idade, o seu primeiro livro ilustrado: “A maldição do Monte da Mina”. Na década de 90 radica-se no Porto, seguindo para a Escola Artística Soares dos Reis onde os professores cedo lhe reconheceram o talento para a matemática.

Em 2007, finaliza a Licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Incentivada pelo pai a prosseguir o seu desenvolvimento artístico fora do Portugal parte para a Polónia e é quando tem o seu primeiro contacto com a gravura na Akademia Sztuk Pieknych Im. Jana Matejki. 2008, ainda na Polónia, marca o início de um novo ciclo na sua obra com Edgar, personagem inspirado na obra literária de Edgar Allan Poe. De volta a Portugal quase que se torna Mestre gravadora no Mestrado de Técnicas de Impressão das Belas Artes do Porto, o qual interrompe para se estabelecer no Brasil depois de conhecer e trabalhar com o Mestre litógrafo Kazuo Iha.

Nos seus últimos anos, constringida por grandes dificuldades financeiras, dedicou-se ao restauro de fotografias antigas de famílias aristocratas do Porto e do Brasil.

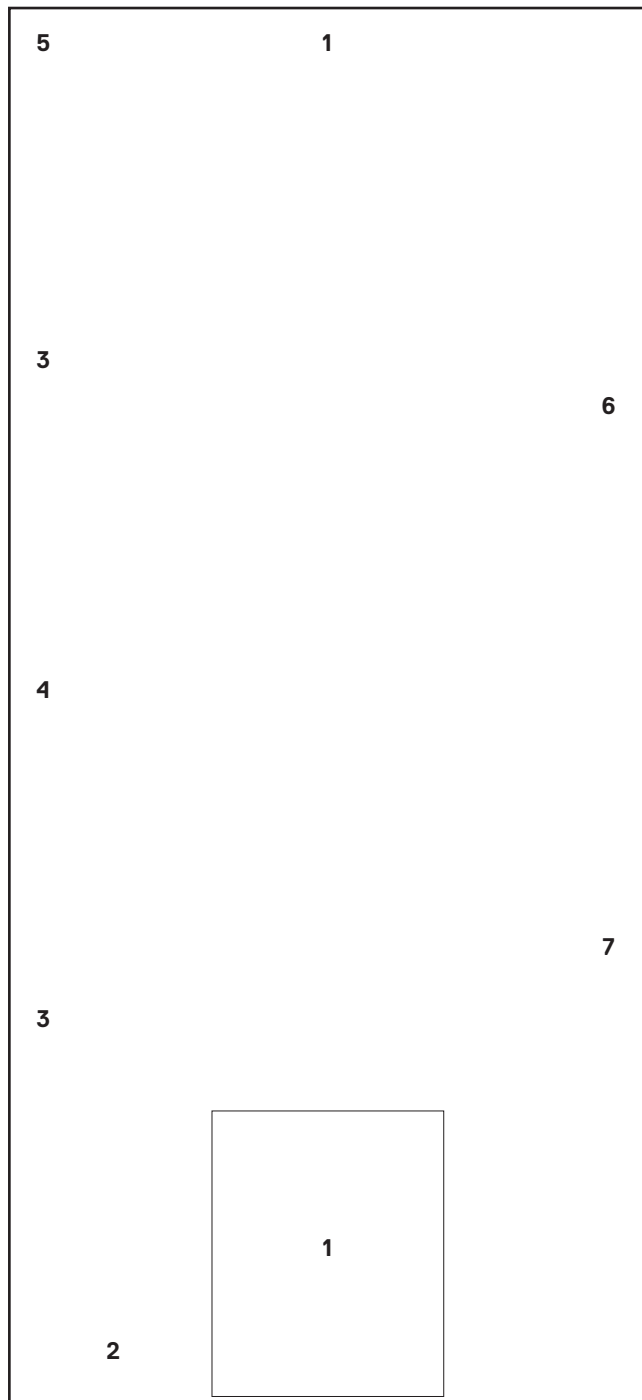
[A biografia apresentada é ficcionada, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência]

Obras apresentados em diversas exposições (desde 2006 até ao presente), individuais: Verde Rubro Associação Cultural e Artística; Extéril; Galeria Ó; Plumba – no Porto; Prego – em Vila Velha, no Brasil; Estúdio UM – em Guimarães; Gesto Cooperativa Cultural – no Porto como colectivas: Silo Cultural – Matosinhos; Global Print 2013 – Museu do Douro; Quinzena de Gravura UFRJ – No Rio de Janeiro; RV – em Salvador da Bahia; Troca-se Por Arte; Artes em Partes, Plumba, Maus hábitos, Dama Afrita – no Porto, Aragón 232 – em Barcelona; Museu Nacional da Imprensa, Museu da Presidência da República; Círculo da Artes Plásticas de Coimbra, Centro Cultural de Vila das Aves, Azores Combo – nos Açores, entre outros.

Edgar é um personagem imaginário que assume claramente a liderança no meu trabalho gráfico e que ficciona o desenrolar de uma história à volta da educação exemplar de uma criança.

A exemplar educação de Edgar surge na gravura e para a gravura numa sugestão de narrativas imprevisíveis que circunscrevem um universo suspenso no tempo.

Sem guião prévio cada imagem vai surgindo individualmente na tentativa de criar uma história ainda sem fim.



**1**  
**Ana Torrie**  
*Memórias Póstumas*  
Linóleo e linogravuras

**2**  
**Ana Torrie**  
*A Exemplar educação de Edgar I*  
Livro de gravura, encadernação japonesa  
com impressão no tecido de encadernador  
em linogravura

**3**  
**Ana Torrie**  
*A Exemplar educação de Edgar I*  
17 gravuras calcográficas: água-tinta,  
água-forte, ponta seca, mezzotinta

**4**  
**Ana Torrie**  
*Edgar*  
Molduras e calcografias: água-forte, água-  
-tinta e ponta-seca

**5**  
**Ana Torrie**  
*Matilha*  
Calcografia: impressão de duas matrizes  
diferentes, repetindo uma delas várias  
vezes e com diferentes cores – água-forte  
e água-tinta

**6**  
**Alexandra Rafael**  
*Falsas Relíquias*  
Decalques de secções de árvores feitos  
sobre papel de transporte com lápis  
litográfico, transferidos para chapa de  
alumínio, levada a água-forte, impressa  
sobre vários tipos de papéis translúcidos

**7**  
**Alexandra Rafael**  
*Falsas Relíquias*  
Água-forte, água-tinta, verniz-mole,  
chine-colé, monotipia, cryon-lift,  
monoimpressão, *frottage* com lápis litográfico,  
transfere de toner, ampliação fotográfica  
analógica, slides, negativos, chapas  
de zinco, alumínio e cobre, madeira, gesso

## FICHA TÉCNICA

### ORGANIZAÇÃO

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

### COORDENAÇÃO

Graciela Machado

### CURADORIA

Graciela Machado

### MONTAGEM

Ana Torrie

Alexandra Rafael

### TEXTOS

Ana Torrie

Alexandra Rafael

### DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Gabinete de Comunicação da FBAUP